

O que é o Design de Interiores?

What is Interior Design?

Paula Glória Barbosa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais / Universidade do Estado de Minas Gerais.

paula.barbosa@ifmg.edu.br

Edson José Carpintero Rezende, Universidade do Estado de Minas Gerais.

edson.carpintero@gmail.com

Resumo

Apesar das substanciais mudanças verificadas ao longo do século XX – que implicaram muito mais do que mera alteração terminológica (de Decoração para Design de Interiores), havendo, de fato, profissionalização da atividade e ampliação do campo de atuação e das responsabilidades profissionais –, a sociedade, de um modo geral, ainda associa a figura do designer de interiores à imagem do decorador de interiores. Ao mesmo tempo, não é incomum encontrar professores, estudantes e profissionais da área que não compreendem o Design de Interiores. Neste trabalho, a partir da análise de definições compartilhadas por associações de classe e estudiosos da área, buscou-se construir uma definição de Design de Interiores. Os resultados apontam para uma divergência no entendimento da abrangência de atuação do designer de interiores e fornecem base para a elaboração de uma definição que considera o ambiente como seu objeto de trabalho.

Palavras-chave: Design de Interiores, Definição, Ambiente.

Abstract

Despite the substantial changes observed over the 20th century – which implied much more than a mere terminological change (from Decoration to Interior Design), with, in fact, professionalization of the activity and expansion of the field and professional responsibilities –, the society, in general, still associates the figure of the interior designer with the image of the interior decorator. At the same time, it is not unusual to find professors, students and professionals in the field who do not understand Interior Design. In this work, from the analysis of definitions shared by class associations and scholars in the area, we sought to build a definition of Interior Design. The results point to a divergence in the understanding of the scope of performance of the interior designer and provide a basis for the elaboration of a definition that considers the environment as its object of work.

Keywords: *Interior Design, Definition, Environment.*

Precedentes à definição de Design de Interiores

O século XX oportunizou a profissionalização do Design de Interiores (BROOKER; STONE, 2014; GIBBS, 2013; LEES-MAFFEI, 2008). De início – e aqui fazemos menção especial aos séculos XVIII e XIX – a atividade limitava-se ao decorar de, notadamente, espaços residenciais, visando impressionar por meio de aparência luxuosa e comunicar o *status* da posição social privilegiada de seus proprietários. Almejava-se, também, extremo conforto (DEJEAN, 2012; MASSEY, 2008; PILE; GURA, 2014).

A Decoração de Interiores era uma atividade exercida por artesãos, estofadores, marceneiros, varejistas, arquitetos e entusiastas, não havendo necessidade de educação formal para a sua prática. Ao decorador bastava possuir boa rede de contatos, ter conhecimento sobre os estilos históricos e dispor de bom gosto, bom senso, talento natural e autoconfiança (BROOKER; STONE, 2014; EDWARDS, 2010; GIBBS, 2013; MASSEY, 2008; WHITE, 2009).

Na primeira metade do século XX, com o progresso da industrialização, a oferta de um grande volume de bens de consumo e o surgimento de tecnologias como telefone, iluminação elétrica e banheiros e cozinhas sofisticados, houve a transformação do modo de se fazer Decoração. Fez-se necessário treinamento formal para que o decorador fosse capaz de orquestrar aparência, conforto e todas as novas tecnologias, então ao alcance de um número bem maior de pessoas (GIBBS, 2013; MASSEY, 2008; PILE; GURA, 2014).

Em meados do século XX, como parte do processo de profissionalização, concretizou-se a alteração nominal de Decoração de Interiores para Design de Interiores. Para Guerin e Martin (2004; 2010), a separação consciente entre referidos termos foi consequência da expansão do foco da atividade para espaços não residenciais nos anos 1950. White (2009) acredita que o surgimento de diversas escolas e associações de classe tenha consagrado, nos anos 1960, a mudança de nomenclatura. Já Lees-Maffei (2008) explica que o Design de Interiores se configurou como uma especialidade do Design no pós-Segunda Guerra Mundial, tal como o Design de Moda, o Design Gráfico e o Design Automotivo. Fato é que a mudança de nome implicou, também, mudança de significado. “Essa profissão evoluiu de uma predominantemente preocupada com a ornamentação de superfície para uma baseada no design para o comportamento humano” (GUERIN; THOMPSON, 2004, p. 1).

O Design de Interiores, na condição de profissão, tinha a sua essência modificada na transição para o século XXI (PILE; GURA, 2014). Agora, o foco da atividade estava nas pessoas; mais especificamente, em compreender o modo como o arranjo e a ambiência dos espaços influenciam o comportamento dos indivíduos, buscando melhorar-lhes a qualidade de vida. Estética e funcionalidade continuaram premissas do projeto de Design de Interiores, mas a necessária promoção da saúde, da segurança e do bem-estar das pessoas por meio dos seus ambientes de vivência exigiu que o designer de interiores passasse a integrar beleza, função e significado em suas soluções projetuais (GUERIN; MARTIN, 2004; 2010). É que o espaço físico se transforma em espaço humano por ser uma construção de símbolos que influenciam fortemente o comportamento do(s) indivíduo(s) que o experincia(m) (TAN, 2011).

Ademais, o Design de Interiores, no final do século XX, assumira uma outra responsabilidade: a de contribuir para o desenvolvimento sustentável. Isso porque qualquer projeto executado



consome recursos naturais e gera poluição e resíduos durante as suas etapas de construção, uso e descarte. A ideia da sustentabilidade ambiental promovida pelo Design de Interiores associa-se, portanto, ao compromisso de minimizar os impactos negativos causados ao meio ambiente (BROOKER, STONE, 2014; MOXON, 2012; PILE; GURA, 2014).

A prática do Design de Interiores, diante de maior complexidade projetual, passou a requerer um processo sistematizado de desenvolvimento de projetos pautado em pesquisa e em vasto conhecimento especializado adquirido por meio de educação formal, vez que talento natural, bom gosto, bom senso e autoconfiança não seriam mais suficientes.

Entretanto, Coleman (2002) explica que, apesar da atividade ter se transformado ao longo dos anos, a percepção da sociedade sobre a Decoração de Interiores, consolidada no início do século XX, não mudou. Há, ainda, como explicam Guerin e Thompson (2004), uma distorção na percepção sobre o que é o Design de Interiores e sobre as competências do designer de interiores, sendo mais fácil à sociedade associar à figura desse profissional a imagem que supostamente conhecem do decorador de interiores. Turpin (2007) atribui essa percepção equivocada a uma global falta de informação sobre as raízes e o desenvolvimento da profissão.

Mais agravante ainda é o fato que

[...] designers de interiores ainda lutam para definir quem são e o que fazem. [...] Então, como podemos superar as percepções negativas sobre o que fazemos como designers de interiores? Como ajudamos os outros a entender nosso valor para a sociedade? Como podemos esperar que os outros nos entendam se não conseguimos explicar claramente o que fazemos, por que fazemos e como fazemos? (POLDMA, 2008, p. vi e xi).

Diante desse cenário, buscou-se construir uma discussão teórica sobre o que é o Design de Interiores. Para tal, e em um primeiro momento, verificou-se como 15 associações de classe de diferentes países compreendem referido campo profissional. Assim o fizemos porque essas associações nascem com o objetivo de definir a profissão a que guardariam e de desenvolver ações que promovam o fortalecimento da área e dos profissionais associados a ela.

A partir do momento em que o ensino para a formação profissional é institucionalizado, pesquisadores contribuem para fomentar o corpo de conhecimento que dá sustentação teórica à prática profissional. Por isso, e em um segundo momento, buscou-se compreender como estudiosos da área entendem o Design de Interiores.

Por fim, tornou-se possível compreender o Design de Interiores em termos de objetivos, responsabilidades, processo projetual, qualidade das soluções e objeto de trabalho. Mas, antes, fez-se necessário estabelecer uma discussão sobre o ponto em que as fontes consultadas divergem: o que se constitui objeto de trabalho do designer de interiores.

Conceituando o Design de Interiores

A *American Society of Interior Designers* (ASID) entende que o Design de Interiores é uma atividade capaz de impactar a experiência humana, influenciando a forma como as pessoas vivem (ASID, 2019b). Nesse sentido, acreditam que, ao projetar um interior arquitetônico, o designer de interiores esteja contribuindo diretamente para promover a saúde e o bem-estar dos ocupantes (ASID, 2019c). Tomando-se como partido a estrutura da edificação e combinando visão estética

com habilidades práticas e conhecimento, os designers de interiores são profissionais capazes de transformar vidas por meio de soluções técnicas e criativas que visam à segurança, funcionalidade e atratividade dos interiores (ASID, 2019a).

Segundo os *Diseñadores de Interior Argentinos Asociados (DARA)*, o designer de interiores tem formação técnica e criativa que o possibilita incorporar funcionalidade e estética aos interiores arquitetônicos de modo a responder às necessidades dos ocupantes, melhorando-lhes a qualidade de vida, provendo-lhes conforto e contribuindo para aumentar a produtividade laboral. Entendem que os projetos de Design de Interiores alcançam praticamente todas as áreas da vida cotidiana e devem ser regidos por princípios de sustentabilidade (DARA, 2019).

A *Associazione Italiana Progettisti d'Interni (AIPi)* considera a atividade de projeção de interiores como complementar à arquitetura global dos edifícios. Para eles, o designer de interiores dedica-se a identificar, pesquisar e resolver criativamente os problemas de funcionalidade dos ambientes internos, bem como a planejar os seus aspectos estéticos, empregando conhecimentos técnicos e experiência prática a fim de contribuir para melhorar a qualidade de vida e proteger a segurança, a saúde e o bem-estar dos indivíduos (AIPi, 2019).

O *Design Institute of Australia (DIA)* compreende que o Design de Interiores é uma atividade dedicada à criação e ao planejamento de interiores arquitetônicos, de modo a contribuir para que as pessoas vivam e trabalhem com mais eficiência, conforto, segurança e prazer em um ambiente esteticamente satisfatório e funcional (DIA, 2019).

De acordo com o *Philippine Institute of Interior Designers (PIID)*, o Design de Interiores é a ciência e a arte de planejar, organizar, selecionar e especificar as superfícies dos elementos que constituem o interior arquitetônico, com a proposta de melhor atender à função pretendida (PIID, 2019).

A *Interior Designers of Canada (IDC)* define o Design de Interiores como uma profissão dedicada ao desenvolvimento de soluções criativas para alcançar a funcionalidade e a atratividade estética dos ambientes internos, conforme possibilidades e necessidades do cliente, visando à promoção da saúde, da segurança e do bem-estar das pessoas e melhoria da qualidade de vida. Para tanto, o processo de trabalho do designer de interiores é orientado por metodologia sistematizada que inclui pesquisa, análise e integração do corpo de conhecimento da área (IDC, 2019).

Para a *International Interior Design Association (IIDA)*, o Design de Interiores é uma atividade capaz de potencializar negócios e impactar a saúde e o bem-estar das pessoas (IIDA, 2019), e compartilham a definição apresentada pelo *Council for Interior Design Qualification (CIDQ)*. Segundo referido conselho (CIDQ, 2019), o Design de Interiores atém-se ao desenvolvimento de soluções holísticas, técnicas, criativas e contextualmente apropriadas para ambientes internos, visando promover a saúde, a segurança e o bem-estar das pessoas ao mesmo tempo em que lhes impacta a experiência. Com foco no usuário, responsabilidade em relação ao desenvolvimento sustentável e atenção às normatizações aplicáveis, o processo de projeção do designer de interiores é orientado por sistematizada metodologia baseada em pesquisa (*evidence based design*) e integração do corpo de conhecimento da área.

A *International Federation of Interior Architects/Designers* (IFI), fundada em 1963 na Dinamarca e atualmente com representação nos cinco continentes, acredita que cabe ao designer de interiores identificar, pesquisar e solucionar com criatividade problemas relacionados à função e à qualidade dos interiores, planejando espaços que visem melhorar a qualidade de vida das pessoas, proteger-lhes a saúde e oferecer-lhes segurança e bem-estar (IFI, 2019). Dentre as associações de classe consultadas, essa definição é compartilhada pela *Asociación de Diseñadores Interioristas Profesionales del Uruguay* (ADDIP), pelo *Consejo General de Colegios Oficiales de Decoradores y Diseñadores de Interior da España* (CGCODDI) e pela *Hong Kong Interior Design Association* (HKIDA).

Dada a sua representatividade global, e objetivando estabelecer uma base unificada de compreensão dos princípios fundamentais do Design de Interiores, a IFI editou, em 2011, a *IFI Interiors Declaration*, primeira declaração do tipo na história da profissão. As ideias ali contidas referem-se à prática profissional, à educação e à pesquisa em Design de Interiores, destacando-se os trechos a seguir (IFI, 2011).

Como profissionais do design, nosso conhecimento nos permite conceber espaços que respondem às necessidades humanas. Esses espaços humanos são o domínio de nossa competência, da nossa paixão e do nosso trabalho. Nós projetamos o espaço de forma responsável. Exercemos nossa profissão com a mais alta preocupação em utilizar os recursos naturais e econômicos do mundo de uma maneira sustentável. Nós projetamos para a saúde, a segurança, o bem-estar e as necessidades de todos. [...] Nós moldamos os espaços que moldam a experiência humana. [...] A responsabilidade dos designers de interiores e arquitetos de interiores é definir a nossa prática e os conhecimentos necessários a ela, educar a nós mesmos e ao público e nos posicionar na sociedade e no mercado como especialistas do ambiente construído. [...] O conhecimento teórico, aplicado e inato é fundamental para a prática do design de interiores e da arquitetura de interiores. [...] Designers de interiores e arquitetos de interiores determinam a relação das pessoas com os espaços com base em parâmetros psicológicos e físicos, para lhes melhorar a qualidade de vida (IFI, 2011, p. 1).

A Associação Brasileira de Designers de Interiores (ABD), por sua vez, entende que são muitas as variáveis que influenciam a elaboração de um projeto para que a solução técnica e criativa dos espaços interiores – sejam eles arquitetônicos, temporários ou de meios de transporte – possa oferecer conforto, estética, bem-estar, saúde, segurança, qualidade de vida e cultura às pessoas. O designer de interiores, assim sendo, projeta por intermédio de uma metodologia sistematizada centrada no usuário, respeitando o meio ambiente, as normatizações aplicáveis e os aspectos sociais do contexto projetual (ABD, 2019a; 2019b).

Para o *British Institute of Interior Design* (BIID), o Design de Interiores é uma disciplina dedicada a melhorar os ambientes de vivência humana, resultando em espaços eficientes e atrativos visualmente que promovam o bem-estar dos indivíduos. Para isso, os designers de interiores são capazes de entender e de responder às aspirações e necessidades físicas e emocionais das pessoas para as quais projetam, de modo que elas possam desfrutar das melhores possibilidades de experiências que determinado espaço possa proporcionar, sejam hotéis, lojas, escritórios, escolas, museus, exposições, ambientes da saúde, iates, aeronaves ou residências (BIID, 2019).

Por fim, a Associação Portuguesa de Designers (APD) denomina a atividade como Design de Interiores/de Espaços/de Ambientes e a vincula à projeção de espaços interiores e exteriores. Ao designer de interiores compete diagnosticar as necessidades dos usuários e considerar aspectos

ergonômicos, cognitivos, semióticos, semânticos, culturais, sociais e ecológicos para projetar esses espaços, atribuindo-lhes uma concepção formal e funcional que dialogue harmoniosamente com o público (APD, 2017).

Do exposto, percebe-se que as definições apresentadas pelas associações de classe consultadas¹ – ABD (Brasil), ADDIP (Uruguai), AIPi (Itália), APD (Portugal), ASID (Estados Unidos), BIID (Inglaterra), CIDQ (Estados Unidos), CGCODDI (Espanha), DArA (Argentina), DIA (Austrália), IDC (Canadá), IFI (Dinamarca), IIDA (Estados Unidos), HKIDA (Hong Kong) e PIID (Filipinas) – são construídas, de modo geral, a partir da especificação do objeto de trabalho do designer de interiores, dos objetivos inerentes a qualquer projeto do tipo, dos atributos que caracterizam as soluções pretendidas, das responsabilidades associadas ao campo e do processo projetual. Percebe-se, ainda, que muitos termos utilizados para descrever cada um desses cinco pontos são recorrentes, entendidos aqui como palavras-chave para a definição de Design de Interiores que se busca construir, conforme pode ser visualizado no Quadro 1.

A sistematização das definições abordadas possibilita-nos, em síntese, entender que o **espaço** é o objeto de trabalho do designer de interiores e que, por meio desse espaço, é possível impactar a **experiência humana** e promover o **bem-estar**, a **segurança** e a **saúde** das pessoas, melhorando-lhes a **qualidade de vida**. Possibilita-nos, também, entender que o Design de Interiores é uma atividade que articula **criatividade** e **técnica** para o desenvolvimento de soluções para a **funcionalidade** e a **estética** desses espaços, por meio de um processo projetual orientado para a **sustentabilidade** e que inclui **pesquisa** e integração de conteúdos atinentes ao **corpo de conhecimento** do campo.

Percebe-se, ainda, que existem três diferentes formas de entender o objeto de trabalho do designer de interiores: 1) aquela que considera o espaço como um interior arquitetônico; 2) aquela que considera o espaço como a parte de dentro de alguma estrutura, o que inclui o interior de meios de transporte; e 3) aquela que considera o espaço como qualquer lugar passível de atividades e relações humanas, seja interior ou exterior. Defende-se, aqui, a ideia de que, apesar do termo ‘interiores’ ser utilizado globalmente para denominar a profissão, é pertinente considerar uma expansão do seu objeto de trabalho de interiores arquitetônicos (o que o era nas origens da atividade) para ambientes de vivência humana (o que é possível neste início de século).

Em relação ao primeiro ponto, em que muitas das associações consultadas vinculam o Design de Interiores ao projeto de espaços que, para existirem em sua tridimensionalidade, dependem de estrutura arquitetônica, a mesma proposta é observada nas definições de Edwards (2010), Friedrichs (2002) e Brooker e Stone (2014).

Edwards (2010) define o Design de Interiores como o processo de planejamento e construção dos elementos que constituem os interiores arquitetônicos, considerando aspectos funcionais, estéticos, de segurança, eficiência e sustentabilidade. Para Friedrichs (2002), os designers de interiores dedicam-se a compreender a forma como as pessoas experimentam os interiores

¹ Também foram consultados os sites das seguintes associações: *Interior Designers Association of Nigeria* (IDAN), *Interior Design Confederation Singapore* (IDCS), *The African Institute of Interior Design Profession* (IID), *Japan Interior Designers' Association* (JID), *Malaysian Institute of Interior Designers* (MIID) e *Interior Decoration Association of Thailand* (TIDA). Entretanto, não foram encontrados, na ocasião, uma definição de Design de Interiores nem conteúdos relacionados.



arquitetônicos e a criar projetos que favoreçam as atividades ali realizadas. Brooker e Stone (2014) entendem que o Design de Interiores é um processo multidisciplinar e criativo dedicado à idealização do interior arquitetônico visando ao arranjo dos seus elementos físicos e à articulação entre identidade e atmosfera por meio da manipulação do volume espacial, dos objetos e do tratamento de superfícies.

ASSOCIAÇÃO CONSULTADA	SOLUÇÕES	OBJETIVO	RESPONSABILIDADE	PROCESSO	OBJETO DE TRABALHO
ASID (EUA)	soluções técnicas e criativas que visam à segurança , à funcionalidade e à atratividade estética dos espaços;	impactar a experiência humana ; promover a saúde e o bem-estar das pessoas;		articulação entre visão estética, habilidades práticas e conhecimento ;	interior arquitetônico;
DARa (ARGENTINA)	soluções técnicas e criativas que visam à funcionalidade e à estética dos espaços;	melhorar a qualidade de vida dos ocupantes; proporcionar conforto; aumentar a produtividade de atividades laborais;	princípios de sustentabilidade ;		interior arquitetônico;
AIPI (ITÁLIA)	soluções criativas que visam à funcionalidade e à atratividade estética dos espaços;	melhorar a qualidade de vida dos ocupantes; proteger a segurança , a saúde e o bem-estar dos indivíduos;		identificação, pesquisa e resolução de problemas a partir de experiência prática e conhecimentos técnicos;	interior arquitetônico;
DIA (AUSTRÁLIA)	criação e planejamento de um ambiente esteticamente satisfatório e funcional ;	impactar a experiência humana – forma de viver e trabalhar;			interior arquitetônico;
PIID (FILIPINAS)	soluções técnicas (ciência) e criativas (arte) para composição (estética) dos espaços melhorando a sua funcionalidade ;				interior arquitetônico;
IDC (CANADÁ)	soluções criativas para se alcançar a funcionalidade e a atratividade estética dos espaços;	promover a saúde , a segurança e o bem-estar das pessoas; melhora da qualidade de vida ;		metodologia sistematizada que inclui pesquisa , análise e integração do corpo de conhecimento da área;	ambientes internos;
CIDQ (EUA) compartilham: IIDA (EUA)	soluções holísticas, técnicas , criativas e contextualmente apropriadas;	impactar a experiência humana ; promover a saúde , a segurança e o bem-estar das pessoas;	desenvolvimento sustentável ; normatizações aplicáveis;	sistematizada metodologia com foco no usuário, baseada em pesquisa e integração do corpo de conhecimento especializado;	ambientes internos;
IFI (DINAMARCA) compartilham: ADDIP (URUGUAI) CGCODDI (ESPANHA) HKIDA (HONG KONG)	soluções criativas para a função e a qualidade (estética) dos espaços;	impactar a experiência humana ; melhorar a qualidade de vida das pessoas; proteger a saúde dos indivíduos e oferecer-lhes segurança e bem-estar ;	desenvolvimento sustentável ; apoiar a humanidade, a sociedade e a cultura;	processo sistematizado e interativo que inclui descoberta, decodificação e validação; métodos de pesquisa para analisar o contexto físico, emocional e comportamental dos usuários; interpretação, tradução e manipulação do capital cultural; conhecimento teórico, aplicado e inato;	espaços humanos; ambiente construído;
ABD (BRASIL)	soluções técnicas e criativas ;	oferecer conforto, estética , bem-estar , saúde , segurança , qualidade de vida e cultura às pessoas;	respeitar o meio ambiente (sustentabilidade), as normatizações aplicáveis e os aspectos sociais do contexto projetual;	metodologia sistematizada centrada no usuário;	espaços interiores (arquitetônicos, temporários ou de meios de transporte);
BIID (INGLATERRA)	soluções visando à eficiência (funcionalidade) e à atratividade visual (estética) dos espaços;	impactar a experiência humana ; promover bem-estar ; responder às necessidades físicas e emocionais das pessoas;			ambientes de vivência humana;
APD (PORTUGAL)	soluções visando à concepção formal (estética) e funcional dos espaços;				espaços interiores e exteriores;

Quadro 1 – Sistematização dos conceitos de Design de Interiores apresentados pelas associações de classe consultadas.
Fonte: elaborado pela autora.

Lees-Maffei (2008), contudo, explica que o Design de Interiores é uma atividade dedicada à projeção de espaços residenciais, laborais, institucionais, comerciais e de entretenimento que constituem o interior de uma edificação ou um meio de transporte. Para a autora, “a aplicação de uma definição holística do interior promove estudos que iluminam a amplitude e a diversidade de tais espaços” (LEES-MAFFEI, 2008, p. 4), expandindo o campo de atuação do designer de interiores e enxergando o seu objeto de trabalho como o interior de um ambiente construído.

Também para Massey (2008), os meios de transporte constituem-se em possibilidade de atuação profissional do designer de interiores. E isso não é novidade. Afinal, como explicam Dantas e Negrete (2005), era acirrada a concorrência entre as grandes empresas de Decoração responsáveis pelos *paquebots* que cruzavam o Atlântico nos decênios de 1920 e 1930.

Se, portanto, o designer de interiores está apto a impactar a experiência humana e a melhorar a qualidade de vida das pessoas por meio do planejamento da funcionalidade e da estética dos interiores arquitetônicos e de meios de transporte, por que ele não estaria apto a projetar os espaços de uma feira gastronômica em um parque, uma missa campal, um casamento à beira mar, um *show* em uma praça ou uma peça de teatro ao ar livre? Por que ele não estaria apto a projetar um restaurante que possua áreas interna e externa? Poderia projetar apenas a área interna? Qual a diferença entre projetar o arranjo e a ambiência das áreas interna e externa desse restaurante? Se todos esses são lugares de relações e de práticas humanas, cada um com suas especificidades plásticas e funcionais, cada um podendo ser projetado de forma a contribuir com o desenvolvimento sustentável e com a promoção da saúde, da segurança e do bem-estar das pessoas que ali experienciam a vida, por que o campo do Design de Interiores não poderia abrangê-los?

A limitação à tradução do vocábulo inglês ‘design’ (OXFORD, 2019) e à aceção do termo ‘interior’ (HOUAISS, 2019) conduz à noção de que o Design de Interiores se refere à ideação, ao planejamento e ao desenho da “parte interna de algo” ou da “parte de dentro ou disposição interna de uma construção ou moradia”. Se houver o entendimento de que a conjunção dos sentidos dos termos que formam uma expressão constitui a sua significação, então realmente há de se reduzir o campo do Design de Interiores à ação de projetar um cômodo de uma edificação ou o interior de qualquer estrutura pré-existente.

Todavia, há de se considerar que à época da mudança nominal de Decoração para Design de Interiores o contexto de mundo era diferente do que hoje se vivencia. Ali, registrou-se um grande salto na atividade: repensou-se a prática profissional e expandiu-se o objeto de trabalho – de interiores residenciais para também interiores laborais –, adequando a profissão às demandas de outrora. Passados mais de 60 anos, não seria novamente o momento de repensar a prática profissional do Design de Interiores e expandir ainda mais o seu objeto de trabalho, adequando-o às possibilidades do presente?

Pergunta-se, então: o termo **ambiente** não seria o mais adequado para expressar o objeto de trabalho do designer de interiores na contemporaneidade? Acredita-se que a resposta a essa indagação seja sim. Explicamos o porquê.

Para defender o ponto de vista apresentado, tomar-se-á como sustentação teórica o entendimento do que constitui o ‘ambiente’ segundo a Psicologia Ambiental, uma vez que

referido campo do conhecimento dedica-se ao estudo da relação de impacto mútuo que se estabelece entre pessoa e ambiente (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; GÜNTHER, 2011; MOURÃO; CAVALCANTE; 2011).

Na Psicologia Ambiental, o vocábulo ‘ambiente’ é definido como um contexto multidimensional constituído por um meio concreto, seja natural ou construído, e pelas condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que o integram, o que inclui as pessoas (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011). Daí, extrai-se uma relação de reciprocidade: o ambiente oferece múltiplos estímulos ao indivíduo que com ele interage, influenciando o seu comportamento; ao mesmo tempo, esse ambiente é influenciado pelo comportamento humano, que o modifica segundo as suas necessidades (GÜNTHER, 2011).

De modo sistêmico, todos os componentes de um ambiente – os físicos (móveis, equipamentos, decoração, iluminação, acústica, temperatura), os não-físicos (pessoas e suas expectativas, motivações, crenças, experiências, padrões comportamentais) e o contexto social, econômico, cultural e político – estão conectados de tal forma que, alterando-se um deles, alteram-se os demais. Logo, para estudar ou modificar qualquer componente de um ambiente, deve-se, primeiramente, considerar e analisar os outros (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Assim, o campo do Design de Interiores, ao se dedicar ao planejamento dos componentes físicos do ambiente, impacta o comportamento humano, positiva ou negativamente. Dada a sua responsabilidade, o designer de interiores não pode basear o seu processo projetual apenas em intuição, bom gosto, bom senso e talento natural. Previamente à interferência nos componentes físicos, ele depende de sério estudo dos componentes não-físicos do ambiente, bem como do contexto que o envolve.

Por conseguinte, independentemente do ambiente construído em que os seres humanos exerçam atividades e se relacionem – seja uma praça, um ônibus ou um interior arquitetônico – requer-se, do designer de interiores, os mesmos princípios de projeção, exigindo, sobretudo, análise do sistema que o constitui, na tentativa de valorizar o impacto positivo e de minimizar o impacto negativo na vivência das pessoas que o usufruirão. Ressalta-se, nesse ponto, que “podemos pensar nas características físicas (aparência), funcionais (atividades) e simbólicas (significados) formadoras de um lugar e necessárias à sua materialização [...]” (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 185), mas um espaço só se tornará ambiente quando habitado e vivido por pessoas, indivíduos que a ele atribuirão significado.

Nesses termos, e considerando todo o exposto, o Design de Interiores é aqui definido como o solucionar **técnico-criativo** de problemas relacionados à **estética** e à **funcionalidade** dos espaços sob a premissa do **desenvolvimento sustentável**, para concebê-los como **ambientes** que promovam a **saúde**, a **segurança** e o **bem-estar** dos indivíduos que deles irão usufruir, impactando positivamente a **experiência humana** e contribuindo para melhorar a **qualidade de vida** das pessoas. Para tanto, o sistematizado processo de projeção do designer de interiores pauta-se em **pesquisa** e fundamenta-se em **conhecimento** teórico e prático.

A Figura 1 apresenta, de forma esquemática, a definição que aqui se construiu.

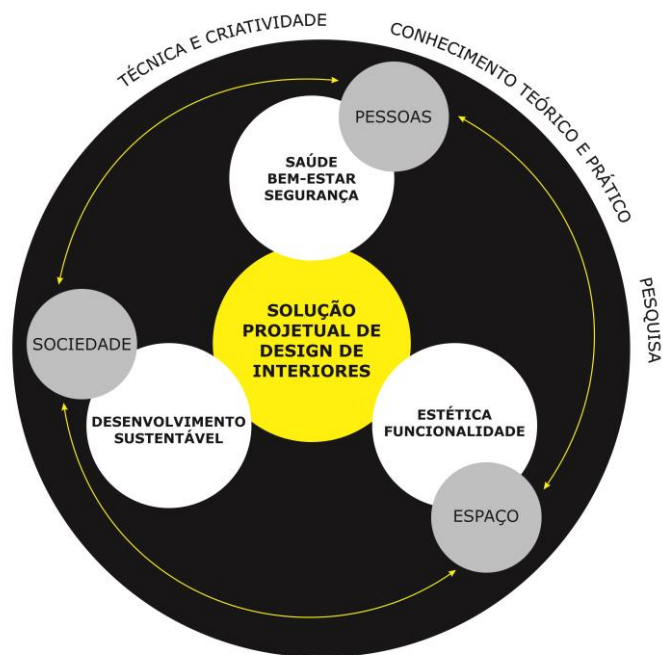


Figura 1 – Definição de Design de Interiores apresentada de forma esquemática.
Fonte: elaborado pela autora.

Referências

- ABD – Associação Brasileira de Designers de Interiores. **Designer de interiores** – o que é e quais os papéis desse profissional? Disponível em: <http://www.abd.org.br/novo/designers-de-interiores.asp>. Acessado em: 29 abr. 2019a.
- ABD – Associação Brasileira de Designers de Interiores. **Perguntas frequentes**. Disponível em: <http://www.abd.org.br/perguntas-frequentes>. Acessado em: 30 abr. 2019b.
- AIPI – Associazione Italiana Progettisti d’Interni. **Associazione**. Disponível em: <http://www.aipi.it/new/associazione/>. Acessado em: 29 abr. 2019.
- APD – Associação Portuguesa de Designers. **Tabela de especialidades**. Disponível em: <http://apdesigners.org.pt/tabela-de-especialidades/>. Acessado em: 14 nov. 2017.
- ASID – American Society of Interior Designers. **Become an Interior Designer**. Disponível em: <https://www.asid.org/belong/become>. Acessado em: 29 abr. 2019a.
- ASID – American Society of Interior Designers. **Resource center**. Disponível em: <https://www.asid.org/resources/resources/view/resource-center/123>. Acessado em: 29 abr. 2019b.
- ASID – American Society of Interior Designers. **Well ap**. Disponível em: <https://www.asid.org/learn/well>. Acessado em: 29 abr. 2019c.
- BIID – British Institute of Interior Design. **A client’s guide to working with an interior designer**. Disponível em: <https://biid.org.uk/pdf/BIID-a-clients-guide-to-working-with-an-interior-designer-2016.pdf>. Acessado em: 29 abr. 2019.
- BROOKER, Graeme; STONE, Sally. **O que é Design de Interiores?** São Paulo: Senac, 2014.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Ignez; CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara. Ambiente. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 28-43.



CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara. Espaço e lugar. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 182-190.

CIDQ – Council for Interior Design Qualification. **Definition of Interior Design**. Disponível em: <https://www.cidq.org/definition-of-interior-design>. Acessado em: 29 abr. 2019.

COLEMAN, Cindy. History of the Profession. *In*: COLEMAN, Cindy (org.). **Interior Design handbook of professional practice**. New York: McGraw-Hill Education, 2002. p. 26-47.

DANTAS, Cristina; NEGRETE, Roberto. **Brasil porta adentro: uma visão histórica do Design de Interiores**. São Paulo: C4, 2015.

DARA – Diseñadores de Interior Argentinos Asociados. **Vas a reformar o decorar? Contrata a un diseñador de interiores o arquitecto interiorista**. Disponível em: <http://www.dara.org.ar/index.php/vas-a-reformar-o-decorar-contrata-a-un-disenador-de-interiores-o-arquitecto-interiorista/>. Acessado em: 29 abr. 2019.

DEJEAN, Joan. **O século do conforto: quando os parisienses descobriram o casual e criaram o lar moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DIA – Design Institute of Australia. **Interior Design/Architecture**. Disponível em: <https://www.design.org.au/designindustry/design-disciplines-2/interior-architecture-design>. Acessado em: 29 abr. 2019.

EDWARDS, Clive. **Interior Design – a critical introduction**. Oxford; New York: Berg Publishers, 2010.

FRIEDRICH, Edward. Growing a profession. *In*: COLEMAN, Cindy (org.). **Interior Design handbook of professional practice**. New York: McGraw-Hill Education, 2002. p. 4-25.

GIBBS, Jenny. **Design de Interiores: guia útil para estudantes e profissionais**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

GUERIN, Denise; MARTIN, Caren. The career cycle approach to defining the Interior Design profession's body of knowledge. **Journal of Interior Design**, v. 30, n. 2, p. 1–22, 2004.

GUERIN, Denise; MARTIN, Caren. **The Interior Design profession's body of knowledge and its relationship to health, safety, and welfare**. College of Design, University of Minnesota, 2010.

GUERIN, Denise; THOMPSON, Jo Ann Asher. Interior design education in the 21st century: an educational transformation. **Journal of Interior Design**, v. 30, n. 1, p. 1–12, 2004.

GÜNTHER, Hartmut. Affordance. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 21-27.

IDC – Interior Designers of Canada. **What is Interior Design?** Disponível em: <https://www.idcanada.org/english/for-the-public/what-is-interior-design.html>. Acessado em: 29 abr. 2019.

IIDA – International Interior Design Association. **The IIDA story**. Disponível em: <http://www.iida.org/content.cfm/story>. Acessado em: 29 abr. 2019.

IFI – International Federation of Interior Architects/Designers. **About IFI**. Disponível em: <https://ifiworld.org/about/>. Acessado em: 29 abr. 2019.

IFI – International Federation of Interior Architects/Designers. **IFI Interiors Declaration**. IFI DFIE Global Symposium, 17-18 february 2011, New York, USA.

HOUAISS. Interior. *In*: **Grande dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acessado em: 29 abr. 2019.

LEES-MAFFEI, Grace. Introduction: professionalization as a focus in interior design history. **Journal of Design History**, v. 21, n. 1, p. 1–18, 2008.



MASSEY, Anne. **Interior Design since 1900**. 2.ed. London: Thames & Hudson, 2008.

MOURÃO, Ada Raquel; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 208-216.

MOXON, Siân. **Sustentabilidade no Design de Interiores**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

OXFORD. Design. *In*: **Oxford learner's dictionaries**. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/design_1?q=design. Acessado em: 29 abr. 2019.

PIID – Philippine Institute of Interior Designers. **What is Interior Design?** Disponível em: <http://piid.org.ph/interiordesigner.html>. Acessado em: 29 abr. 2019.

PILE, John; GURA, Judith. **A history of Interior Design**. 4.ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2014.

POLDMA, Tiiu. Interior Design at a crossroads: embracing specificity through process, research, and knowledge. **Journal of Interior Design**, v. 33, n. 3, p. vi–xvi, 2008.

TAN, Lindsay. A review of environmental symbology: origins and contributions toward a theoretical framework. **Journal of Interior Design**, v. 36, n. 2, p. 39–49, 2011.

TURPIN, John. The history of women in Interior Design: a review of literature. **Journal of Interior Design**, v. 33, n. 1, p. 1-15, 2007.

WHITE, Allison Carll. What's in a name? Interior Design and/or Interior Architecture: the discussion continues. **Journal of Interior Design**, v. 35, n. 1, p. x–xviii, 2009.

Sobre os autores

Paula Glória Barbosa é professora de Design de Interiores do IFMG – *campus* Santa Luzia e doutoranda em Design pela UEMG. Graduada em Decoração, especialista em Design de Móveis e mestre em Design, já lecionou no curso de Design de Ambientes da Escola de Design da UEMG e no curso de Design de Interiores do Centro Universitário UNA.
paula.barbosa@ifmg.edu.br

Edson José Carpintero Rezende é professor da Escola de Design da UEMG. Possui graduação em Odontologia pela UFMG, licenciatura em Ciências e pós-graduação em Microbiologia pela PUC-MG, pós-graduação em Odontologia Legal pela Associação Brasileira de Odontologia, mestrado em Saúde Coletiva pela UEFS e doutorado em Ciências da Saúde pela UFMG.
edson.carpintero@gmail.com